

ACIDENTES OFÍDICOS EM PEQUENOS ANIMAIS - ESTUDO RETROSPECTIVO DE CASOS ATENDIDOS NO PERÍODO DE 2005 A 2021 NO HOSPITAL DE CLÍNICAS VETERINÁRIAS (HCV) DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC), EM LAGES-SC¹

Bárbara Corbellini Rovaris², Joandes Henrique Fonteque³, Anthony Broering Ferreira⁴, Mere Erika Saito⁵, Mirian Prevelato de Andrade⁶

¹ Vinculado ao projeto “Acidentes ofídicos em pequenos animais - Estudo retrospectivo de casos atendidos no período de 2005 a 2021 no Hospital de Clínicas Veterinárias (HCV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), em Lages-SC”

² Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária – CAV – Bolsista PIVIC/UDESC

³ Orientador, Departamento de Medicina Veterinária – CAV – joandes.fonteque@udesc.br

⁴ Doutorando em Ciência Animal – CAV

⁵ Doutora em Medicina Veterinária – UNESP

⁶ Mestre em Ciência Animal – CAV

Animais peçonhentos são aqueles que possuem uma estrutura especializada para a inoculação de sua toxina, como as presas das serpentes. No Brasil, os principais gêneros de serpentes peçonhentas são *Bothrops* (jararaca), *Crotalus* (cascavel), *Micrurus* (coral-verdadeira) e *Lachesis* (surucucu). O gênero *Bothrops* corresponde a cerca de 90% dos acidentes ofídicos em humanos no país, sendo o de maior relevância epidemiológica. Na medicina veterinária, os animais domésticos são classificados de acordo com a sua sensibilidade à peçonha dos gêneros *Bothrops* e *Crotalus*, da seguinte forma: ovelhas, cavalos e bois demonstraram maior sensibilidade, seguidos em uma escala decrescente por cabras, cães, coelhos, porcos e gatos.

A partir do ano de 2017, os acidentes ofídicos passaram a ser considerados uma Doença Tropical Negligenciada Categoria A pela Organização Mundial da Saúde (OMS). De acordo com essa mesma instituição, estima-se que cerca de 5,4 milhões de pessoas no mundo são picadas por serpentes peçonhentas por ano. Em 2022, segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), foram registrados, no Brasil, 14.157 casos de acidentes ofídicos. Entretanto, a literatura veterinária carece de relatos relacionados ao tema, o que pode ser atribuído à subnotificação dos casos, uma vez que a notificação de acidentes ofídicos em animais domésticos não é obrigatória. Dessa forma, o projeto teve como objetivo abordar os aspectos epidemiológicos, clínicos e terapêuticos por meio de um estudo retrospectivo de pequenos animais que sofreram acidente ofídico e foram atendidos no Hospital de Clínicas Veterinárias (HCV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na cidade de Lages-SC, no período de 2005 a 2021.

Para a realização do estudo retrospectivo, foram analisadas fichas físicas e digitais de pacientes atendidos no HCV. Essas foram pré-selecionadas com base em palavras-chave, sendo elas: acidente ofídico, acidente peçonhento, acidente por peçonha, peçonha, venenoso, cobra e serpente. A pesquisa, baseada nas palavras-chave, resultou no total de 31 fichas clínicas. Deste montante, 17 fichas foram selecionadas, uma vez que continham informações adequadas para estabelecer o diagnóstico de acidente ofídico. As demais fichas foram excluídas do estudo, visto que apresentavam diagnósticos finais diferentes, como acidente escorpiónico, por exemplo.

Por meio dessa seleção, foram coletados dados como: data do acidente, espécie envolvida, idade, sexo, raça, ambiente habitado pelo animal e seu acesso a áreas de mata, sinais clínicos apresentados, local específico da picada, exames complementares, tratamento realizados, desfecho em relação à sobrevivência do paciente após o acidente e, por último, identificação da espécie de serpente envolvida. A tabulação dos dados foi executada utilizando a ferramenta Microsoft® Excel, no qual foi realizada uma análise estatística descritiva dos dados.

O grupo mais afetado por acidentes ofídicos nesta análise foi a espécie canina, totalizando 100% (17/17) dos animais. Dentro desse grupo, 35% (6/17) eram cães sem raça definida, seguidos por 12% (2/17) de Australian Cattle Dogs e 12% (2/17) de Border Collies. Além disso, foram registrados 6% (1/17) de casos em Beagle, 6% (1/17) de Buldogue, 6% (1/17) de Collie, 6% (1/17) de Labrador, 6% (1/17) de Pastor Alemão, 6% (1/17) de Poodle e 6% (1/17) de Weimaraner. A média de idade dos animais foi de $3,08 \pm 2,07$ anos, sendo o animal mais velho com nove anos e o mais novo com um ano de idade. Quanto ao gênero dos animais acometidos, 65% (11/17) eram machos, enquanto 35% (6/17) eram fêmeas. Em relação ao ambiente em que viviam, a maioria, 82% (14/17), residia em áreas rurais com acesso a matas, enquanto 18% (3/17) das fichas não continham essa informação. Referente a estação do ano, 59% (10/17) dos casos ocorreram durante o verão, 18% (3/10) no inverno e 12% (2/17) tanto no outono quanto na primavera. Os locais das picadas foram variados: 41% (7/17) ocorreram na face, 23% (4/17) no pescoço, 12% (2/17) no membro pélvico esquerdo e 6% (1/17) tanto no membro torácico direito quanto no peito. Em 12% (2/17) dos casos, as fichas não continham essa informação. No que diz respeito à presença de edema, 94% (16/17) dos animais apresentaram aumento de volume, enquanto apenas 6% (1/17) não demonstrou essa reação. A ocorrência de hemorragia no local da picada foi registrada em 41% (7/17) dos animais, porém, em 59% (10/17) das fichas essa informação não estava disponível. Quanto ao tratamento, 82% (14/17) dos animais receberam soro antiofídico, enquanto 18% (3/17) não foram submetidos a essa terapia. A sobrevivência foi de 88% (15/17) e 12% (2/17) vieram a óbito. O tempo médio decorrido entre a picada e o momento do atendimento desses, foi de $24,5 \pm 17,06$ horas. Um dos casos fatais teve um intervalo de 72 horas entre a picada e o atendimento, enquanto o outro caso carecia de informações disponíveis. É relevante observar que ambos os animais que não sobreviveram não receberam soro antiofídico. A média de tempo transcorrido entre o acidente ofídico e a alta médica, em 59% (10/17) dos casos, foi de $4,1 \pm 2,6$ dias, entretanto, em 29% (5/17) fichas essa informação não estava documentada. No que diz respeito à espécie de serpente envolvida nos acidentes, 29% (5/17) foram causados por *Bothrops jararaca*, 24% (4/17) por *B. alternatus* e 12% (2/17) pelo gênero *Bothrops sp.* Em 35% (6/17) das fichas, essa informação não foi registrada. As informações registradas nas fichas clínicas sobre os exames complementares foram insuficientes para realizar a análise dos dados.

Foi possível observar prevalência mais alta de acidentes em cães que vivem em áreas rurais, especialmente durante períodos de clima quente. Além disso, observou-se que a face e o pescoço foram os principais locais das picadas, e que o intervalo de tempo entre a picada e o atendimento, bem como a administração do soro antiofídico, podem estar diretamente relacionados com o prognóstico do animal.

Palavras-chave: Serpente. *Bothrops*. Animais peçonhentos.